

tinha interesse: os senhores de terras, que seriam, naturalmente, os leitores e os assinantes do jornal, sonhavam com um país próspero, cortado de bons canais, de estradas que permitissem o escoamento da produção, do café com destaque, tudo aquilo que, mais adiante, homens como Teófilo Otoni, ou Mauá, ou Mariano Procópio tentariam empreender. É curioso lembrar que a assinatura do *American Farmer* custava, à revista brasileira, naquela época, apenas 10 mil réis, conforme notícia de 1834. Nesse ano, a revista divulgou importante trabalho de Carlos Augusto Taunay sobre imigração. Vemos, assim, pela coleção desse precioso periódico, de vida relativamente longa, números bastante volumosos, da ordem de trezentas páginas, como os que comandavam a vida política brasileira sonhavam com grandes novidades, com empreendimentos, com a remodelação da fase colonial, esquecidos, apenas, da estrutura colonial que peiaria tudo isso.

Falecido D. Pedro, em Portugal, a 24 de setembro de 1834, desaparecia a razão de ser dos restaurantes. Era o único obstáculo a uma composição da direita conservadora com a direita liberal, composição que se esboça nesse fim de 1834, o ano da alteração constitucional, e afirma-se no ano seguinte, sob a batuta álgida de Feijó, feito Regente, para consolidar-se com Araújo Lima, a partir de 1837, e desembocar no golpe da Maioridade, em 1840. O caminho do *regresso* não foi longo, mas tortuoso, pontilhado de tempestades, entre as quais se destacaram as rebeliões provinciais, abalando o país. Nesse período, a imprensa continuou no seu papel, refletindo as contradições sociais e políticas e influenciando no andamento dos acontecimentos. Papel que se particularizaria em cada uma daquelas rebeliões, até à de 1848, em Pernambuco, que encerra a fase de turbulência. Abre-se, então, para o país, a fase imperial: só ao aproximar-se o fim do século irromperia nova tormenta, que derrocara o regime, e em que a imprensa participaria também com relevo. Os que viviam sob Feijó, entretanto, não poderiam imaginar isso.

O regresso conservador

O desenvolvimento da imprensa não ocorreu apenas na Corte e em função das lutas políticas nela travadas. Estendeu-se a todo o país, particularmente nas províncias em que as lutas políticas alcançaram nível mais alto, interessando profundamente, em alguns casos e episódios, camadas muito mais amplas do que teria sido possível supor à base dos choques meramente eleitorais. Esse avanço preocupou seriamente a classe latifundiária, que detinha o poder: a união entre conservadores e liberais de direita, o isola-